

## O diálogo inter-religioso a partir, e não apesar, da fé cristã: Razões à luz do pensamento de Schillebeeckx

*Interreligious dialogue from, and not in spite of, the Christian faith: reasons in the light of Schillebeeckx's thought*

*Faustino dos Santos*

### Resumo

Considerando tanto o fenômeno da pluralidade religiosa quanto os elementos da identidade cristã a partir do qual o cristianismo se sustenta, este artigo pretende apontar a partir do pensamento de Schillebeeckx algumas razões pelas quais a fé cristã pode e deve se abrir à diversidade religiosa marcadamente evidenciada pela modernidade. À luz da teologia cristã, a abertura ou o otimismo para com as religiões não-cristãs não se fundamenta no fenômeno do pluralismo em si que visibiliza uma variedade nos modos de crer. As razões para o diálogo inter-religioso são encontradas a partir daquele que é o normativo da fé cristã, Jesus de Nazaré, confessado como o Cristo, que voltou sua vida totalmente ao Reino de Deus e sua ação na história humana. Nele, que é historicamente contingente, descentrado de si e revelador de um Deus aberto e não fechado é que se justifica o otimismo cristão para com as demais religiões. Tendo presente isso, os cristãos enquanto comunidade dos seguidores de Jesus e seguindo seu exemplo deve evitar qualquer tipo de atitude autorreferencial ou tentativa de enclausuramento de Deus, além de acolher e respeitar os valores das outras religiões e reconhecer nelas a singularidade divina aí presente.

**Palavras-chave:** Religiões. Diálogo Inter-religioso. Cristianismo. Pluralismo.

### Abstract

Considering both the phenomenon of religious plurality and the elements of Christian identity upon which Christianity is based, this article intends to point out from Schillebeeckx's thought some reasons why the Christian faith can and

must open itself to the religious diversity marked by modernity. In the light of Christian theology, openness or optimism towards non-Christian religions is not based on the phenomenon of pluralism itself, which makes visible a variety in the ways of believing. The reasons for interreligious dialogue are found from the one who is the normative of Christian faith, Jesus of Nazareth, confessed as the Christ, who turned his life totally to the Kingdom of God and its action in human history. In him, who is historically contingent, de-centered of himself, and revealer of an open and not closed God, Christian optimism towards other religions is justified. Bearing this in mind, Christians as a community of the followers of Jesus and following his example should avoid any kind of self-referential attitude or attempt to enclose God, besides welcoming and respecting the values of other religions and recognizing in them the divine uniqueness present therein.

**Keywords:** Religions. Interreligious Dialogue. Christianity. Pluralism.

## Introdução

Jacques Dupuis na sua obra *Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso* afirma: “A teologia das religiões é um tema teológico recente”<sup>1</sup>. O fato é que a importância de colocar as religiões como tema da teologia não é uma questão antiga na história da teologia. As religiões só passam a ser objeto de estudo sistemático da teologia a partir da década de 60 e, enquanto tal, ainda peleja por definição de um estatuto epistemológico”.<sup>2</sup> Mas, ainda que seja recente e lute por encontrar um estatuto epistemológico que lhe garanta fundamentos precisos, a teologia das religiões, considerando a pluralidade do contexto presente, tem se preocupado com a correta designação sobre as demais religiões e sobre o valor de verdade presente nelas.

Do ponto de vista da teologia cristã, tal designação e descoberta valorativa de cada religião é embasada naquela pessoa cuja fé se desdobra, isto é, em Jesus Cristo, visando tanto o que ele disse quanto o que ele fez. Outros autores preferem atribuir como centralidade decisiva o Reino de Deus.

Na busca por apresentar a perspectiva do diálogo inter-religioso a partir da fé cristã e não apesar dela, serão considerados alguns elementos. O primeiro ponto apresentará brevemente o período da modernidade como cenário onde o pluralismo se evidencia. No segundo ponto será apresentado o fenômeno do pluralismo como espaço de disputa das religiões bem como campo de possibilidade de escolha para o ser humano. E no terceiro ponto, o ponto central do trabalho, será desenvolvido o tema

<sup>1</sup> DUPUIS, J., *Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso*, p. 12.

<sup>2</sup> SANTOS, F., *Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx*, p. 112.

da fé cristã como fundamento para o diálogo inter-religioso. Esse ponto estará subdividido em três outros onde serão apresentados alguns argumentos que fundamentam o ponto de vista do trabalho. E ao final, uma conclusão que retoma as principais inspirações desenvolvidas no texto.

## **1. Modernidade, um campo de transformações**

É próprio da vida mudar. Viver, nesse sentido, é estar sujeito a afecção de mudanças radicais constantes, o que resulta na criação de novas constituições sociais acerca do sentido de viver. Tais transformações são detectáveis mais facilmente a partir do advento da modernidade,<sup>3</sup> onde os reservatórios de sentido adquirem novo grau de coerência. Peter Berger e Thomas Luckmann definem tais reservatórios de sentido como sendo mantidos por instituições organizadas (a exemplo das religiões-morais) que regulamentam o agir social oferecendo sentido e também ensinando, de modo doutrinal, o sentido que deve ser seguido na sociedade. Nessa transmissão de sentido não há espaço para opiniões subjetivas. “O sentido do agir e da vida é imposto como regra óbvia de conduta de vida, que a todos obriga”.<sup>4</sup> Quando os sentidos são alterados, a vida que é supra ordenada pelas instituições mantenedoras de sentido entra cada vez mais em desordem.<sup>5</sup> Há uma ampla concorrência sobre o estado de coisas em si, seja na ciência, na compreensão comum, o recuo da religião (enquanto fé em Deus), etc.

Com a chegada da modernidade se evidenciam os pluralismos. Por pluralismos não se entendam as “formas de vida diferenciadas numa mesma sociedade”,<sup>6</sup> mas a dinâmica como os sujeitos ou grupos identitários existem numa mesma sociedade embora sem ser regulamentados por uma prática de ação comum. O pluralismo, sem um espaço neutro de ação, gera concorrências e torna-se, conforme sugestão de Peter Berger, a “razão básica principal da difusão das crises subjetivas e intersubjetivas de sentido”.<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Ao mesmo tempo que o conceito “modernidade” é complexo, ele não deixa de ser inegavelmente importante para se falar da questão do pluralismo. Embora possa haver reflexões posteriores a que adoramos aqui, nesse trabalho fizemos a opção de nos deter a noção apresentada por Peter Berger e Thomas Luckmann na obra “Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido”. Entendemos que o modo como ele apresenta tal conceito nos ajuda a nos aproximar da relação entre a modernidade e o que aí se evidencia, isto é, as pluralidades.

<sup>4</sup> BERGER, P. L.; LUCKMAN, T., *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*, p. 23.

<sup>5</sup> Considere-se que o Berger não atribue à modernidade a novidade do colapso generalizado da ordem de sentido. Ele apresenta o Iluminismo e seus adeptos como aqueles que saudaram a desordem como prelúdio de uma nova ordem regida pela liberdade e pela razão.

<sup>6</sup> BERGER, P. L.; LUCKMAN, T., *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*, p. 37.

<sup>7</sup> BERGER, P. L.; LUCKMAN, T., *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*, p. 38-39.

Aliado ao pluralismo, ganha corpo a teoria da secularização que acredita na extinção da influência religiosa na vida das pessoas. Embora isso em grande parte tenha acontecido, sobretudo nos países tidos como de primeiro mundo, a extinção da religião como estrutura de sentido não foi constatada “nos países tidos como de terceiro mundo [que] estremece literalmente sob o ímpeto dos movimentos religiosos”.<sup>8</sup> Um exemplo é o renascimento islâmico e o protestantismo.

Frente a isso, pode-se dizer a partir de Berger que “talvez o fator mais importante no surgimento de crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretenso secularismo moderno, mas o moderno pluralismo. [Afinal,] modernidade significa um aumento quantitativo e qualitativo da pluralização”.<sup>9</sup>

Considerando, pois, a modernidade como esse campo que favorece formas variadas de transformação no sentido da vida, e tendo sido constatado com Berger que o ponto mais relevante para tais crises é derivado do pluralismo, vamos a seguir entender um pouco como esse fenômeno alcança as religiões.

## 2. Pluralismo, as religiões em disputa

No jogo das evidências provocadas pela modernidade, a religião como uma importante estrutura de sentido também vê sua base sólida ameaçada. É nesse contexto plural onde se favorecem às mudanças radicais das referências de sentido que as religiões são ameaçadas na sua credibilidade e perpetuação. Ao passo que a laicidade aumenta, cresce também as ofensivas direcionadas à diversidade religiosa. Tais ameaças são mais propriamente dirigidas às religiões que detêm a hegemonia e influência da ordem vigente.

Enquanto a modernidade se apresenta como um campo de descobertas, surgem as disputas protagonizadas pelas estruturas de sentido, de modo particular pelas religiões. Cada uma delas quer vender seu “produto sagrado”. Nessa arena de competitividade e disputa, o *homo religiosus* é conduzido ao abismo da dúvida. Isto é, fruto do seu tempo e como consequência da sua própria estrutura e interioridade, o sujeito humano é colocado numa posição onde as verdades não são mais lhe oferecidas de modo pré-programado onde quem delas se desviasse seria considerado perigoso. O sujeito moderno pode ser entendido como aquele que não se deixa levar sobremaneira pelo medo, mas ele é reconfigurado como um ser frente “as múltiplas possibilidades oferecidas” e sobre as quais se “exige tomada de posição”,<sup>10</sup> inclusive frente a religião. Sendo assim, “o crente moderno sabe que existe verdade também

<sup>8</sup> BERGER, P. L.; LUCKMAN, T., Modernidade, pluralismo e crise de sentido, p. 48.

<sup>9</sup> BERGER, P. L.; LUCKMAN, T., Modernidade, pluralismo e crise de sentido, p. 48.

<sup>10</sup> SANTOS, F., Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx, p. 78.

em outras convicções de vida”<sup>11</sup> e, portanto, compete a ele escolher qual ou quais verdades mais lhe agrada. É sobre esse movimento que bricolagens que Hervieu-Léger sugere quando diz ser o tempo moderno “marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças e das pertenças confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por ‘crentes passeadores”<sup>12</sup>.

Nesse cenário “caótico”, as religiões lançam mão das armas que lhes parecem mais eficazes tanto na busca pela manutenção das suas “estruturas de plausibilidade”<sup>13</sup> quanto dos seus adeptos. No entanto, a luta pelo retorno à hegemonia religiosa acaba por vezes na desfiguração no sentido fundamental da crença uma vez que, na linha tênue entre o poder e a essência religiosa, a voz do poder acaba sendo mais sedutora.

Sobre essa confusão de valores há uma tessitura bastante crítica, a exemplo do que escreve Schillebeeckx quando afirma que “se a religião, como as pessoas que creem em Deus a experimentam a partir da compreensão que elas têm de si próprias (...), então todo abuso teórico ou prático da religião leva às mais cruéis desumanidades”<sup>14</sup>. Quando, pois, as ações religiosas ameaçam a dignidade do ser humano, então há uma negação do essencial da própria religião. Faustino Teixeira fazendo coro ao que é dito por Schillebeeckx, afirma que “uma religião que ofende e destrói o homem e a dignidade humana, nega-se a si mesma, e ao rebaixar o humano sintoniza-se com uma forma equivocada de crer em Deus”<sup>15</sup>. Pedro Casaldáliga em crítica as práticas desumanizadoras provocadas pelas religiões afirma que “a religião é para a vida”<sup>16</sup>. O Papa Francisco, por sua vez, diz que nenhuma religião deve ser utilizada para justificar qualquer forma de violência, guerra, terrorismo ou maldade. Desse modo há profunda “incompatibilidade entre a verdadeira fé e a violência, entre Deus e os atos de morte”<sup>17</sup>.

Em se tratando da história do cristianismo, essa reflexão se torna bastante justaposta. Por muito tempo, o Cristianismo promoveu um “imperialismo religioso e cultural”, interpretando “a própria verdade e singularidade (que não se devem negar) amiúde como pretensão absoluta, pelo que todas as outras religiões foram consideradas de menos valor”<sup>18</sup>. Tal atitude privou a religião cristã de alargar seu discurso e prática quanto a descoberta e valorização do mistério divino presente também nas outras religiões.

<sup>11</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 76.

<sup>12</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 28.

<sup>13</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 77.

<sup>14</sup> SCHILLEBEECKX, E., Religião e Violência, p. 170.

<sup>15</sup> TEIXEIRA, F., Teologia das Religiões, p. 114.

<sup>16</sup> CASALDÁLIGA, P., Prólogo, p. 7.

<sup>17</sup> FRANCISCO, PP., Encontro com as autoridades. Viagem apostólica do Papa Francisco ao Egito de 28 a 29 de abril de 2017.

<sup>18</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 211.

Como, então, nessa arena de disputa e de muitas opções, é possível se libertar de um pretenso autoritarismo religioso na busca por alçar um olhar otimista às religiões sem, no entanto, enxergá-las como rivais? Do ponto de vista cristão, a resposta a essa pergunta encontramos em Jesus de Nazaré e na sua dedicação ao Reino de Deus.

### **3. O diálogo inter-religioso a partir, e não apesar, da fé cristã**

Não é um crime pensar numa dimensão do diálogo inter-religioso onde seja possível um intercâmbio onde as religiões discutem suas bases entre si como fruto de uma atitude de abertura e busca por descobrir mais a respeito umas das outras. Mas falar da importância e da eficácia do diálogo inter-religioso “não se trata de colocar as Religiões numa reunião para que discutam pacificamente sobre religião ao redor de si mesmas, narcisicamente”.<sup>19</sup> Do ponto de vista teológico, o desafio do diálogo entre as religiões tem a ver com a reflexão “sobre o significado e o valor das tradições religiosas mundiais à luz da revelação cristã”.<sup>20</sup>

Normalmente se difunde que para estabelecer qualquer tipo de diálogo inter-religioso é necessário desconsiderar a particularidade de cada crença e das expressões da fé. Para essa compreensão, o diálogo inter-religioso seria consequência de um “apesar da fé” onde é necessário deixar a singularidade religiosa de lado numa espécie de epoché husserliana dos valores, da doutrina e das práticas da religião.

Esse é um dos grandes empecilhos para uma prática efetiva do diálogo entre as religiões. Tal equívoco reside no fato de uma compreensão reducionista dessa prática como uma tentativa de sobreposição ou convencimento de uma religião sobre a outra, de uma fé sobre outra. Tal equívoco tem suas raízes fincadas tanto na ignorância sobre o que é o diálogo inter-religioso, bem como em seus desdobramentos em atitudes de polarização e fundamentalismo. São dessas posturas que provém o mal da autorreferencialidade e absolutização das verdades particulares da fé que desconsidera e menospreza a verdade e os valores das outras religiões.

Talvez, afirmar que o diálogo ou o encontro das religiões se dá a partir da fé e não apesar dela pode nos custar um tempo de assimilação. Mas, poderia haver diálogo entre as religiões se as religiões não tiverem clareza de si e das suas fés?

<sup>19</sup> CASALDÁLIGA, P., Prólogo, p. 7.

<sup>20</sup> DUPUIS, J., Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso, p. 16.

Dizer que o diálogo inter-religioso não é feito apesar da fé, ou das fés, significa afirmar que embora se constate um pluralismo religioso de fato que é “uma marca da realidade social”,<sup>21</sup> no contexto de uma teologia das religiões, o motor que direciona ao diálogo com as demais religiões é a própria normatividade da fé que, ancorada nos valores que lhe são próprios, como bondade, justiça, solidariedade, integra tais valores na defesa da vida que é para onde se direcionam os esforços das religiões e das fés. Em outras palavras, o encontro das religiões tem por motivação a consciência que, enquanto encarregadas de ser sinais da salvação que Deus opera no mundo, cada religião tem a missão de agir a partir do seu núcleo salvífico-humanizador em defesa dos mais necessitados. Aquino Júnior diz a esse respeito que “as religiões em geral são particularmente sensíveis às situações de sofrimento e injustiça, ao clamor dos pobres e oprimidos, e têm como uma de suas tarefas mais importantes o cuidado e a defesa dos pobres, oprimidos e fracos”.<sup>22</sup> Pedro Casaldáliga também nos ajuda a compreender essa reflexão quando este nos dá o sentido do diálogo inter-religioso ou, ao seu modo, do macroecumenismo:<sup>23</sup>

O verdadeiro diálogo inter-religioso deve ter como conteúdo e como objetivo a causa de Deus, que é a própria humanidade e o universo. Na humanidade a causa prioritária é a grande massa empobrecida e excluída; e no universo, a terra, a água e o ar profanados. A justiça e a ecologia, a liberdade e a paz. A vida.<sup>24</sup>

Essa reflexão nos faz pensar na prática do encontro inter-religioso de modo mais profundo. O encontro inter-religioso não se resume simplesmente ao problema de *diá-logo*, isto é, não é um problema logocêntrico. A positividade e a disposição para a unidade entre as religiões estão relacionadas com o conhecimento profundo da própria fé que convoca à *inter-ação*. No caso do Cristianismo, as razões ou o potencial salvífico-humanizador para justificar o diálogo entre as religiões estão condensadas naquele que é o normativo da fé cristã, Jesus de Nazaré, que os cristãos professam como o Cristo e acreditam ser ele a plenitude da revelação de Deus.

<sup>21</sup> RIBEIRO, C. de O., O debate sobre o princípio pluralista, p.10

<sup>22</sup> AQUINO JÚNIOR, F. de. Teologia em saída para as periferias, p. 238

<sup>23</sup> Edênio Valle diz que esse termo surge em “um clima de protesto contra o perigo de se transformar o evento dos 500 anos da evangelização da América em uma comemoração ‘festiva’, circunscrita aos donos do poder e correndo sério risco de esquecer todas as atrocidades que as sucessivas dominações – desde a ‘conquista’ – trouxeram consigo para milhões e milhões de pessoas em que surge”. (VALLE, E., Macroecumenismo e diálogo inter-religioso como perspectiva de renovação católica, p. 56-74). O termo surge exatamente na primeira Assembleia do Povo de Deus realizada em Quito no Equador em 1992 e foi defendida e justificada por Pedro Casaldáliga.

<sup>24</sup> CASALDÁLIGA, P., Prólogo, p. 7.



Mas de que modo podemos encontrar em Jesus as razões para o diálogo inter-religioso? Para responder a essa questão, vamos nos utilizar sobremaneira os argumentos apresentados por Edward Schillebeeckx que entre os seus argumentos relaciona o otimismo cristão às demais religiões pelo reconhecimento da historicidade de Jesus de Nazaré, da centralidade de Jesus ao Reino de Deus e na defesa que o Deus pregado por Jesus é aberto e não fechado.

### 3.1. A partir da historicidade de Jesus de Nazaré

Segundo o teólogo dominicano de Antuérpia, a historicidade de Jesus de Nazaré, ao passo que é importante a fim de que se reconheça cristãmente que Deus quer o ser humano salvo no mundo, esse argumento é também uma das principais razões para fundamentar o diálogo cristão com as outras religiões. Isto é, se de um lado se reconhece que Jesus é aquele que “libertou homens, que os levou a si próprios e os abriu aos seus companheiros de humanidade”, por outro lado é inevitável que também se reconheça que esse mesmo Jesus é um “evento humano histórico” e por isso limitado. É, “pois, justamente tudo isso [que] constitui o meio pelo qual crentes reconhecem o rosto de Deus. Sem o caminho da vida de Jesus toda cristologia torna-se superestrutura ideológica”.<sup>25</sup>

Nos diz Schillebeeckx:

Os cristãos professam que “a plenitude de Deus habita corporalmente em Jesus”, mas este habitar ocorre precisamente na humanidade de Jesus, e com isso dentro de um prisma limitado, inevitavelmente alienante e refrangente: é uma expressão de contingência, portanto do caráter limitado deste manifestar-se na plenitude de Deus na precariedade de nossa história.<sup>26</sup>

Conscientes que Deus se deixa alcançar no mundo a partir da contingência história, seria demasiado pretensioso achar que Ele se limita a/em “uma” singularidade. Se o fator da humanidade de Jesus for levado a sério, então o cristianismo é colocado em relação com as demais religiões, ainda que isso não signifique o menosprezo da particularidade do cristianismo que lhe é próprio e que o distingue das outras religiões. Em outras palavras, “apesar de o cristianismo ser uma consciência dessa experiência de Salvação da parte de Deus aos homens, ela não é a única e, nesse sentido, em contexto plural, é pertinente reconhecer que

<sup>25</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 28.

<sup>26</sup> SCHILLEBEECKX, E., Religião e Violência, p. 179; SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 215.



também existem outras consciências legítimas dessa salvação em contexto determinado que reclamam por serem reconhecidas”.<sup>27</sup>

Os modos de Deus se deixar alcançar, tal como na revelação em Jesus de Nazaré, confirma o seu plano de salvação a todos. E, sendo nessa humanidade que Deus revela seu amor aos seres humanos, nenhuma religião “consegue fechar ou negar outros caminhos para Deus, não podendo, então, anexar a ética exclusivamente para si”.<sup>28</sup> Mas também apesar de Deus ser a “fonte e alma de todos os movimentos de libertação e salvação”,<sup>29</sup> ele não pode ser limitado a nenhum deles,<sup>30</sup> ainda que esse movimento seja o de Jesus de Nazaré, confessado como o Cristo.

Reconhecendo, pois que Deus se deixa revelar a partir de uma realidade contingente e limitada, como é o caso da historicidade de Jesus, então é possível cristãmente abrir-se à perspectiva de que nas outras religiões existem elementos do divino. Afinal, “existem verdadeiros, bons e belos – e surpreendentes – aspectos positivos e irredutíveis nas múltiplas formas de harmonia religiosa com Deus, também nas formas que não encontraram, nem encontram, lugar na vivência específica do cristianismo”.<sup>31</sup>

### 3.2. A partir da (des)centralidade de Jesus

Outro elemento fundamental para justificar o diálogo dos crentes a partir de Jesus é perceber para onde a sua mensagem e sua práxis se direcionam. Isto é, é preciso reconhecer o teocentrismo de Jesus.

Se havemos de considerar algum elemento que fez parte da missão de Jesus, esse elemento diz respeito ao Reino de Deus. Os ditos e feitos do homem de Nazaré são completamente voltados para a pregação e a prática do Reino do seu Pai. “Jesus não se anunciava a si mesmo, embora se possa e se deva dizer, naturalmente, que cada ser humano, naquilo a que se dedica, também se faz conhecer em sua própria identidade”.<sup>32</sup> “O fato é que esse caminho de vida de Jesus aponta para Deus, felicidade do homem, e não para si mesmo”.<sup>33</sup> Por isso ele despreza qualquer título de poder ou messianismo.

<sup>27</sup> SANTOS, F., Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx, p. 83.

<sup>28</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 27.

<sup>29</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 28.

<sup>30</sup> “Não se pode implicá-lo em qualquer movimento de libertação humana ou limitá-lo a tal” (SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 28).

<sup>31</sup> SCHILLEBEECKX, E., Religião e Violência, p. 179; SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 215.

<sup>32</sup> SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 141.

<sup>33</sup> SANTOS, F., Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx, p. 100.

Jesus tem a consciência de agir da mesma forma como o próprio Deus agiria. Em e por meio do seu caminho de vida, ele porta o agir de Deus rumo aos homens (...), quer deixar claro pelo seu modo de agir que o próprio Deus se volta para pessoas perdidas e feridas: Jesus age da mesma forma como Deus age. Sendo assim, reside nele a pretensão de que o próprio Deus está presente no seu agir e falar.<sup>34</sup>

Jesus prega a espiritualidade da confiança em Deus. É “por causa dessa confiança em Deus [que], precisamente, Jesus volta-se especialmente aos pobres. ‘Aos pobres é anunciada a salvação’”.<sup>35</sup> O voltar-se aos pobres e necessitados e apresentando-lhes a Salvação oferecida por Deus é o que de mais central existe quando se fala de Reino de Deus.

Considerando tudo isso, se Jesus que é o normativo da fé cristã foi descentrado de si e jamais disse “eu sou Deus!”, essa excentricidade do acontecimento Jesus de Nazaré, ou seja, centrado em Deus e na realização do Seu Reinado no mundo, é que, se assumido pela igreja, faz com que ela seja uma realidade descentrada de si mesma e aberta ao Reino que é ao mesmo tempo o critério decisivo para o cristianismo e que “é, sem mais, oferta de salvação aos homens e, sobremaneira, aos pobres”.<sup>36</sup>

Dessa compreensão derivam duas atitudes. A primeira, quando relacionada ao elemento da historicidade de Jesus, pode-se dizer que, embora fazendo da sua vida a vontade de seu Pai, enquanto condição humana limitada, Jesus de Nazaré “não pode absolutamente representar toda riqueza de Deus... a não ser que se negue a realidade do seu ser-homem (...). Por isso, desde o Evangelho não se pode falar de um imperialismo religioso-cristão”.<sup>37</sup> Ou seja, humanamente contingente e limitado, Jesus “não consegue fechar ou negar outros caminhos para Deus”.<sup>38</sup> E na dinâmica de revelação e ocultação de Deus por Jesus aparecem as outras religiões como consciências dos modos diversos de Deus se dar no mundo e na história humana. Isto para dizer que “todos os homens, inclusive os cristãos, podem dizer muita coisa sobre Deus e, em decorrência, sobre a salvação e o bem dos homens certamente em conexão com Deus, mas fora de Jesus Cristo”.<sup>39</sup>

A segunda atitude tem a ver com o modo como o cristianismo entende e se esforça por ser fiel ao seguimento a Jesus-descentrado-de-si e voltado ao Reino de Deus. Isto é, considerando que o próprio Jesus Cristo não se colocou como centro da sua mensagem, então a comunidade dos seus seguidores que se pretende seu corpo, do qual ele é a cabeça, deve seguir seu exemplo e princípio: ser

<sup>34</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 158.

<sup>35</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 156.

<sup>36</sup> SANTOS, F., Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx, p. 68.

<sup>37</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 26.

<sup>38</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 27.

<sup>39</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 139.

descentrada do perigo da autorreferencialidade a fim de abrir-se à prática do Reino de Deus. Desse modo é que se reconhece e legitima em nosso tempo de modo cada vez mais evidente que fora de Jesus Cristo há também outros modos históricos de apresentação da salvação e estes, efetivamente, curam ou completam de algum modo o ser humano.

### 3.3. O Deus de Jesus é aberto e não fechado

Se se concorda que o Reino de Deus é uma realidade que pode ser praticada para além do cristianismo – embora essa categoria não seja assim designada quando a prática da justiça, caridade e libertação aos necessitados é exercida por outras religiões –, então, pode-se facilmente concluir que a imagem de Deus que Jesus acredita, anuncia e vive é de um Deus aberto e não fechado.

Superando a compreensão veterotestamentária de um deus territorial, Jesus de Nazaré pela sua vida apresenta um Deus que não é exclusivista, uma vez que seu Reino é da/para liberdade humana. O Reino de Deus é um lugar querido (desejado) por Deus. “Reino de Deus é assim o espaço inteiro do mundo: a ecumene ou mundo habitado pelos homens, onde o ‘reinar de Deus’, criador deste universo, significa paz, justiça e amor que vigoram entre os homens, paz também com todo o ambiente ecológico da natureza”.<sup>40</sup>

Deus ama a humanidade para além da sua condição religiosa. Nesse “amor incondicional de Deus se revela Seu ser aberto além das nossas capacidades de compreensão. Essa abertura de Deus que Jesus apresenta ajuda o cristianismo a ver as outras religiões com otimismo”.<sup>41</sup>

Considerando essa abertura amorosa de Deus apresentada por Jesus, enquanto cristãos e “na qualidade de discípulos de Jesus, devemos imitar a Deus ‘que faz seu sol brilhar sobre bons e maus’ (Mt 5,45) (...). Dos cristãos se exige, portanto: ‘Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso’ (Lc 6,36); também vós, que sois pecadores, não rejeiteis, pois, vossos irmãos e vossas irmãs (...). O preceito ‘Amai vossos inimigos’ (Mt 5,44-45; Lc 6,35) está na linha do amor radical ao próximo, pregado e vivido por Jesus. Quem observar este preceito será chamado ‘filho de Deus’ (Mt 5,9)”.<sup>42</sup>

O critério que legitima a verdade da religião cristã, ou de que qualquer outra religião se trata do esforço por fazer a vontade de Deus no mundo. Pela categoria mundo devemos entender que como o lugar privilegiado de salvação.<sup>43</sup> Sendo

<sup>40</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 150.

<sup>41</sup> SANTOS, F., Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx, p. 105.

<sup>42</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 155.

<sup>43</sup> Em contraposição a velha sentença “fora da igreja não há salvação” que não atribua valor salvífico a qualquer outra experiência fora da Igreja, Schillebeeckx contrapõe com o axioma *Extra mundum nulla salus*. (SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 12, 13, 21).

assim, não só o cristianismo, mas todas as religiões que se comprometem com o projeto salvador de Deus, traduzem no mundo um vínculo particular que “expressa uma compreensão verdadeira, que capta um aspecto ou dimensão da realidade e da verdade, embora sempre limitado”.<sup>44</sup>

Existem diferenças no viver a relação com Deus que (...) não podem ser suprimidas. Mais ainda, existem diferentes práticas autenticamente religiosas, que nunca foram objeto de reflexão ou de prática por parte dos cristãos, e com as quais, talvez por causa dos enfoques especiais colocados por Jesus (o ‘jesuânico’), eles também não podem ocupar-se sem fazer violência a estes enfoques, sem empurrá-los para a periferia e sem retirar-lhes a acuidade profética própria de Jesus, o que em última análise constitui sua cristandade profética específica.<sup>45</sup>

Se, portanto, Deus que é aberto e se deixa encontrar, embora de modo limitado, nas “religiões que são sacramento da Salvação que Deus realiza no mundo”,<sup>46</sup> então “a multiplicidade das religiões não é um mal que deva necessariamente ser abolido. São um mal, isto sim, as mesquinhas contendas entre elas e as guerras de religião”.<sup>47</sup>

## Conclusão

O tema do diálogo entre as religiões foi e continua sendo bastante pertinente se considerarmos que se trata mais de uma questão de práxis que de diálogo em si – entenda-se diálogo aqui em sentido literal. Fazer diálogo inter-religioso é também abrir-se à necessidade de se desfazer da pretensão de superioridade a fim de aprender da própria liberdade de Deus que é para além das religiões, mas que se deixa encontrar nelas.

Na busca do sentido para o diálogo entre as religiões, o cristianismo precisa olhar para aquilo que constitui o centro da sua prática de fé: Jesus de Nazaré, considero pela própria comunidade cristã como seu senhor e salvador. Deste modo, o otimismo cristão com as demais religiões é fundamento a partir e não apesar, da fé em Jesus. É ele próprio que, com suas práticas e ditos, apresenta o potencial salvífico-humanizador que permite ao cristianismo ser uma religião de diálogo. Seu próprio exemplo é dialógico. Jesus se deixa encontrar e, mais importante, apresenta Deus em cada encontro.

Conscientes das diversidades evidenciadas pela modernidade muitos podem justificar no pluralismo de fato a forma mais autônoma e legítima para o diálogo inter-religioso. Do ponto de vista da teologia cristã, por sua vez, as razões para a abertura ao diálogo e ao otimismo com as demais religiões é o próprio Jesus

<sup>44</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 215.

<sup>45</sup> SCHILLEBEECKX, E., Religião e Violência, p. 179-180.

<sup>46</sup> SCHILLEBEECKX, E., História humana, p. 31.

<sup>47</sup> SCHILLEBEECKX, E., Religião e Violência, p. 180.

Cristo com o que há de historicamente limitado, com o que há de descentrado de si e focado no Reino de Deus, e a partir da imagem de um Deus aberto e não fechado às outras possibilidades de revelação.

Tendo presente que a normatividade da fé cristã é delineada pelo projeto central de Jesus que é o reinado de Deus, “uma teologia cristã responsável deve manter a normatividade da cristologia” levando em conta que “o caráter essencialmente dialogal do cristianismo constitui um desdobramento do núcleo da mensagem cristã: a manifestação de Deus na particularidade histórica de Jesus de Nazaré (...) que exclui qualquer pretensão totalitária para o cristianismo”.<sup>48</sup> É o reinado de Deus, ou seja, a essência divina da fé cristã, que coloca o cristianismo em relação sem comprometer sua identidade pessoal.

Enquanto religião histórica e, por isso, limitada, o Cristianismo não esgota o mistério divino. Consciente de que Deus se dá na história humana, o próprio cristianismo enquanto sacramento da salvação no mundo, deveria se abrir à riqueza de Deus presente também nas outras religiões. Trata-se da possibilidade de intercambiar, e também de se enriquecer, com as múltiplas experiências singulares das crenças, embora nenhuma delas esgote ou limite seu mistério. O fato é que “a questão da verdade do cristianismo não pode ser confundida com a questão da sua superioridade”.<sup>49</sup> Ou seja, a singularidade do cristianismo só poderá ser apreendida na relação, sem prescindir das religiões.

Sobre a centralidade do projeto de Jesus de Nazaré no Reino de Deus, essa pode-se dizer, é a forma possível de acolher os outros. O diálogo entre as religiões no horizonte do cristianismo encontra sentido na atitude de Jesus-descentrado-de-si e aberto ao Reino de Deus no mundo que tem como uma de suas características fundamentais a justiça aos pobres e necessitados. Deste modo, se ele, enquanto normativo da fé não se coloca a si mesmo como o centro, o cristianismo deve seguir seu exemplo e se desfazer da sedução da autorreferencialidade que já provocou muitas atrocidades na história humana.

Além do mais, se dissermos que a salvação se dá apenas aos cristãos, negamos a liberdade salvadora de Deus que não se esgota na contingência religiosa, embora aconteça nela. Deus se revela onde há acolhida da sua bondade e no compromisso com a transformação do ser humano e do mundo pela busca da justiça e da paz. Desse modo, a face mais autêntica e séria do diálogo inter-religioso está ancorada no compromisso com a verdade de Deus que é o seu Reino e o seu desejo salvador.

<sup>48</sup> TEIXEIRA, F., Teologia das Religiões, p. 222.

<sup>49</sup> TEIXEIRA, F., Teologia das Religiões, p. 223.

## Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, F. de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Unicap, 2019.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CASALDÁLIGA, P. Prólogo. In: TOMITA, L.; BARROS, M.; VIGIL, J. M. **Pelos muitos caminhos de Deus: Desafios do Pluralismo religioso à teologia da Libertação**. Goiás: Rede, 2003. p. 5-8.

DUPUIS, J., **Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

FRANCISCO, PP. **Encontro com as autoridades: Viagem apostólica do Papa Francisco ao Egito de 28 a 29 de abril de 2017**. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco\\_20170428\\_egitto-autorita.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-autorita.html)>. Acesso em 08 out. 2022.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

RIBEIRO, C. de O., **O debate sobre o princípio pluralista: Um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. (Cadernos Teologia Pública).

SANTOS, F. **Identidade cristã e pluralidade religiosa em Edward Schillebeeckx**. Recife, 2020. 153p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Universidade Católica de Pernambuco.

SCHILLEBEECKX, E. **História humana: revelação de Deus**. Paulus: São Paulo, 1994.

SCHILLEBEECKX, E. **Jesus, a história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHILLEBEECKX, E. Religião e Violência. **Concilium**, n.272, p. 168-185, 1997.

TEIXEIRA, F. **Teologia das Religiões: Uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995.

VALLE, E. Macroecumenismo e diálogo inter-religioso como perspectiva de renovação católica. **Revista de Estudos da Religião**, n.2, p. 56-74, 2003.

***Faustino dos Santos***

Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco  
Recife / PE – Brasil  
E-mail: faustinosantos17@gmail.com

Recebido em: 10/10/2022  
Aprovado em: 02/03/2023